



VERBORRAGIA COTIDIANA

HENRIQUE CAVAGNOLI MACHADO^{1*}

Percebo-me flutuando sobre águas turbulentas em meio a uma tempestade, envolto ao caos. Ondas massivas agitam o mar violentamente rasgadas por pontiagudas rochas negras que aparecem e somem dispersas na paisagem. Sinto-me acompanhado. Estou como que procurando por alguém, não sei ao certo quem, mas, antes que dê por mim, numa agitação de pensamentos desconexos e sensações ambíguas: desperto.

Sinto a boca seca em compasso com uma tremenda vontade de fumar e, desorientado, tateando à procura de meu celular por entre as cobertas, vejo a hora ainda com os olhos inchados – instantaneamente retraídos pela luminosidade da tela.

Aproveito para conferir as notificações pelo puro prazer de obter um pouco de satisfação ao tocar os seus ícones vibrantes. Reviro-me na cama, mas logo volto à mesma posição — o wi-fi só pega em uma das extremidades e ainda tenho que ficar com o braço esticado, suplicando por conexão. Consigo um risquinho, acesso a rede e checo o número de mortes. Foram 12. Bom dia.

06:34. Por que acordo tão cedo? Se trabalho até tarde, por que acordar agora? Levanto-me, vou para a cozinha. Olho a mesa, olho o sofá, abro a geladeira; certifico-me de que nada mudou. E na verdade não haveria de mudar, mas a angústia pela novidade é constante. Caminho em círculos em meu apartamento resolvendo desejos pela metade, largando o isqueiro no banheiro, deixando a água fora da geladeira, a brasa cair na mesa. Genuinamente não me importo, sou uma entidade entrópica carente de desejo e ambicionada a consumir a si própria.

Resolvo sair, e, andando pela cidade buscando me distrair, passo pelas ruas e observo as pessoas — meras transeuntes —, os prédios, as árvores, as praças, os carros. Caminho sem rumo, sendo levado, porém, estrategicamente às ruas e prédios os quais ela frequentava. Caminho em busca dela em meio à multidão. Milhares de pessoas indo e vindo, e eu, caminhando e

fingindo, respirando fundo e levantando a cabeça a cada tantos passos, tentando esboçar uma confiança que não tenho.

Sei o que procuro, mas não tenho certeza se desejo encontrar.

A ebulição começa sorrateira. Quando não pela cabeça, pelo estômago, o que acho até melhor. Por vezes é no peito e sinto que não consigo respirar. Atravesso à pernadas o centro inteiro, paro em um mercado, compro uma cerveja e busco o banco de praça mais próximo onde eu possa descansar e fumar um cigarro sossegado. Tudo o que eu queria era um bom banco, à sombra, onde se possível pudesse perceber uma brisa gostosa que carregasse os meus pensamentos para longe até chegar ao canto dos passarinhos e, enfim, pudesse respirar em paz. De onde estou, o que vejo é um lugar esturricando ao sol, próximo à famílias com uns olhares um tanto duvidosos...

Fito em volta; reflito. Prefiro me retirar e sentar onde quer que seja, meio-fio ou sarjeta, tendo um pouco de sombra estará ótimo! Naturalmente, após este tempo de matutações, a cerveja esquenta, mas faço mesmo questão de um bom lugar para fumar sossegado.

Cada tragada é como o despejar de milhares metros cúbicos d'água no incêndio que me aflige, como um helicóptero a combater queimadas. Não posso permitir que se espalhe, não, não posso alimentá-lo. Respiro, trago, suspiro. Admiro o céu. Como está lindo hoje: com apenas algumas nuvens esparsas levadas pelo leve soprar de um vento de outono... Reflito sobre os meus sonhos e ambições, busco inspiração. Quase me dá uma vontade de viver, de tentar, de acontecer. Mas a tranquilidade é fraca e os problemas logo querem tomar conta.

Me levanto atrapalhado, cheio de coisas nas mãos, sem saber o que carrego, o que boto no bolso ou na mochila; deixo cair o isqueiro que repousava sobre o meu colo e do qual eu nem ao menos me recordava. Recolho-o e saio apressado pendurando os fones de ouvido em volta do pescoço. É uma cena, sempre uma cena. Me ajito e busco seguir o meu caminho.

Faço isso com grande frequência e é algo que me tranquiliza muito. Andar pela cidade sem ter necessariamente o que fazer é provavelmente a minha atividade favorita, quando me sinto mais cidadão, mais pertencente, mais atento e presente. Converso com uma pá de gente, abordo e sou abordado – e é incrível a quantidade de pessoas que precisam de uma ajuda pelas ruas da cidade. O que falar de João, senhor nascido na região, preso por 24 anos, conhecedor do direito e da constituição: me deu abrigo certa noite; Simiano, artista de rua, muito educado e bom de papo, sincero, honesto e batalhador, filho de um sindicalista provavelmente corrupto; o imigrante haitiano; o sírio que conheci há

^{1*} Pessoa de pensamento livre. E-mail: henriquehcm@gmail.com

pouco; Joneir, que tanto me marcou; e tantos outros cujo nome não me recordo.

Mas eis que a vejo, e aquele maldito relâmpago atinge-me inadvertidamente, mais uma vez. Uma explosão, um raio um choque! que vai se espalhando por dentro de mim, em todo o meu corpo, preenchendo da carne ao osso. A perda de noção; o tempo, o espaço, a audição: tudo em compressão. Já nada mais importa e só há você. Tão bela, tão terrível, tão cheia de trejeitos, tão meiga e tão distante.

Queria eu ter a perspicácia das poetisas para pôr em palavras tudo o que um instante pode significar.

Uma fagulha; um lapso enraizado na eternidade. No momento em que eu te vejo, como que tudo e nada ocorrem ao mesmo tempo. Desvio o olhar imediatamente enquanto a sua imagem permanece fixa, incrustada em meus sentimentos.

Amor você é como o Sol. Olhar-te é como mirá-lo a pino em uma tarde límpida de verão e você, como ele, apenas por existir, resplandece. Irradia por toda a parte este calor que é só teu e que, quando me atinge, penetra a mais gélida de todas as sensações.

Logo não sei mais o que vejo, para onde vou; me formiga todo o peito e percebo que aqui ainda existe amor.